

Thomas Mann

A morte em Veneza Tonio Kröger

Tradução
Herbert Caro
Mário Luiz Frungillo

Ensaio
Anatol Rosenfeld

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1960 by S. Fischer Verlag GmbH,
Frankfurt am Main
Copyright dos ensaios © 1994 by Editora Perspectiva

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

Título original

“Der Tod in Venedig” e “Tonio Kröger”

O texto desta edição foi estabelecido a partir
da Große kommentierte Frankfurter Ausgabe,
publicada pela S. Fischer Verlag em 2007 (vol. 2.1)

Capa e projeto gráfico

RAUL LOUREIRO

Crédito da foto

Retrato do autor em 1906 por Philipp Kester/
ullstein bild via Getty Images

Preparação

MARIANA DELFINI

Revisão

HUENDEL VIANA

ISABEL JORGE CURY

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas, 1875-1955.

A morte em Veneza ; Tonio Kröger / Thomas
Mann; tradução Herbert Caro, Mário Luiz Frungillo ;
ensaios Anatol Rosenfeld — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2015.

Título original: Der Tod in Venedig ; Tonio Kröger.

ISBN 978-85-359-2645-3

I. Ficção alemã I. Rosenfeld, Anatol. II. Título.

III. Título: Tonio Kröger.

15-08023

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura alemã 833

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

A morte em Veneza 9

Tonio Kröger 85

Ensaio —

Thomas Mann e Um esteta implacável,

Anatol Rosenfeld 147

Cronologia 189

Sugestões de leitura 193

A morte em Veneza

Tradução
Herbert Caro

I.

Gustav Aschenbach — ou von Aschenbach, como figurava seu nome nos registros oficiais desde o dia em que fez cinquenta anos — acabava de dar um longo passeio. Numa tarde primaveril daquele ano de 19..., que por muitos meses mostrou ao continente europeu um cenho tão carregado, o escritor saíra sozinho do seu apartamento na Prinzregentenstrasse, em Munique. Sentindo os nervos irritados pelo árduo e delicado trabalho das horas matinais, e que justamente a essa época requeria o máximo de prudência, ponderação, perseverança e meticulosidade, não conseguira deter, nem sequer depois do almoço, a ininterrupta vibração do mecanismo produtor que lhe agitava o espírito, aquele *motus animi continuus*, o qual, de acordo com Cícero, é a essência da facúndia. Não conciliara o sono restaurador, de que muito necessitava ao menos uma vez por dia em face do constante decréscimo de suas forças. Assim se explica que, após ter tomado o chá, abandonasse o recinto fechado, na esperança de que o ar livre e o movimento pudessem restaurá-lo, proporcionando-lhe uma tarde amena.

Mal começara o mês de maio. Depois de algumas semanas frias e úmidas, aparecera um veranico falaz. O Englischer Garten, escassamente frondoso, estava abafado como se já fosse agosto. As proximidades da cidade pululavam de veículos e transeuntes. Perto do Aumeister, para onde o haviam conduzido veredas cada vez mais solitárias, Aschenbach ficara durante algum tempo a contemplar o animado ambiente do jardim do restaurante, ao lado do qual estacionavam vários landaus e fiacres. Ao pôr do sol, afastara-se do local, a fim de regressar pelo lado de fora do parque, através dos campos abertos. No entanto sentia-se cansado, e como na direção de Föhring se avistassem

prelúdios de temporal, estacou junto ao Cemitério Norte para aguardar o bonde que o levasse diretamente ao centro.

Casualmente não havia ninguém, nem na parada nem nos arredores. No asfalto da Ungererstrasse, cujos trilhos vazios e brilhantes se estendiam até o bairro de Schwabing e também na estrada de Föhring, não se via carro algum. Nada se mexia atrás das cercas das marmorárias, onde cruzeiros, placas e monumentos sepulcrais se ofereciam aos compradores, formando um segundo campo-santo, por ora desabitado. A capela mortuária, de estilo bizantino, erguia-se, silenciosa, ao arrebol do dia que findava. Sua frontaria enfeitada de cruzeiros gregos e pinturas hieráticas de cores claras ostentava, além disso, inscrições simetricamente distribuídas, que apresentavam em letras douradas uma seleção de versículos bíblicos relacionados com a vida do além, tais como “Eles entrarão na casa de Deus” ou “Oxalá os ilumine a luz eterna!”. Durante alguns minutos de espera, o escritor passou austeramente o tempo com a leitura dessas frases, permitindo que o seu espírito se entregasse àquele misticismo translúcido. Mas, ao se arrancar de seus devaneios, deparou subitamente, no pórtico, logo acima dos dois animais apocalípticos que vigiavam a escadaria, com um homem cuja aparência invulgar deu rumos completamente diversos aos seus pensamentos.

Aquele vulto acabara de sair do interior da capela pelo portão de bronze, ou ali subira, chegando despercebidamente de fora? Aschenbach, sem se aprofundar muito nessa dúvida, inclinou-se para a primeira alternativa. De estatura mediana, macilento, imberbe, o homem tinha o nariz singularmente achatado. Pertencia ao tipo ruivo, com a tez leitosa e sardenta que lhe é peculiar. Evidentemente não era bávaro, e o chapéu de palha, de abas largas e retas, que lhe cobria a cabeça, dava-lhe a aparência exótica de quem vinha de longe. É bem verdade que trazia nas costas a mochila típica daquela região. O vestuário cinturado, pardacento que o homem trajava era de fazenda grossa e felpuda. Por cima do braço esquerdo, que ele fincava no quadril, pendia uma capa impermeável de cor cinza. Na mão direita tinha uma bengala com ponta de ferro. Cravando-a no chão, obliquamente, escorava-se no castão, de pernas cruzadas. Mantinha a cabeça tão erguida que o pomo de adão sobressaía, forte e nu, do pescoço magro, que a camisa esportiva largamente aberta deixava à mostra. Os olhos incolores, de pestanas arruivadas, fitavam atentamente o horizonte. Entre eles desciam duas rugas pronunciadas, perpendiculares, que harmonizavam estranhamente com o nariz chato, arrebitado. Tudo isso provocava a impressão — para a qual

talvez contribuisse a posição alta e altiva do homem — de uma atitude sobranceira, atrevida e mesmo feroz. Pois, fosse devido ao sol poente que o cegasse e fizesse caretear, fosse em virtude de uma deformação congênita de seu rosto, os lábios pareciam excessivamente curtos e recuavam dos dentes a tal ponto que estes ficavam visíveis até as gengivas, brancos, compridos e como que arreganhados.

Podia ser que Aschenbach, ao examinar o vulto estranho com curiosidade distraída e, todavia, inquiridora, ultrapassasse os limites da discrição. Em todo caso, percebeu subitamente que o outro lhe devolveia o olhar, e isso de maneira tão agressiva, à queima-roupa, com tão manifesta intenção de levar a coisa ao extremo e de obrigar o indiscreto a desviar os olhos, que Aschenbach, constrangido, virou-se. Em seguida, pôs-se a caminhar ao longo da cerca, resolvendo ao mesmo tempo não mais se preocupar com aquele indivíduo. De fato, esqueceu-se dele no minuto seguinte. É, contudo, possível que sua imaginação tenha sido influenciada pelo aspecto peregrino do estranho ou que tenha entrado em jogo qualquer outra interferência física ou psíquica. Fosse como fosse, Aschenbach deu-se conta, com surpresa total, de uma singular expansão de seu íntimo, de uma espécie de inquietação nômade, de uma saudade juvenil, ardente, de terras longínquas, de uma sensação tão viva, tão veemente e, todavia, a tal ponto olvidada ou desaprendida desde tempos imemoriais, que ele, cativado, com as mãos nas costas e os olhos pregados no chão, imobilizou-se, a fim de analisar a essência e a finalidade de tal sentimento.

Era o desejo de viajar, nada mais, mas que o acossava com a força de um acesso, intensificando-se às raias de uma paixão e mesmo de uma alucinação. E sua ânsia tornava-o vidente. A imaginação, ainda não sossegada depois de tantas horas de labuta, criava para seu uso exemplos de todos os prodígios e terrores da Terra multiforme, no afã de visualizá-los em sua totalidade. Ele via, via realmente uma paisagem, pantanosa região tropical, sob um céu brumoso, pesado, paisagem úmida, exuberante, monstruosa, espécie de selva primordial, entrecortada por cursos d'água a formarem ilhas, lodaçais, nesgas barrentas; via como, em meio a luxuriantes fetos, se elevavam aqui e acolá cabeludos troncos de palmeiras, brotando de solos cobertos de uma vegetação farta, túmida, esdruxulamente florida; via árvores excêntricas, disformes, a estenderem suas raízes através do ar em direção ao chão ou a águas estagnadas, nas quais se espelhava o verdor sombrio; via, por entre flores aquáticas, brancas como leite e enormes como bacias, aves exóticas,

de ombros altos e bicos enormes, a quedarem-se nos bancos de areia, mirando a seu redor, imóveis; via a confusão das hastes nodosas de um bambual, os olhos de um tigre agachado, e sentia como o seu coração palpitava de pavor e misterioso desejo. Então desvaneceu-se a visão. Sacudindo a cabeça, Aschenbach reiniciou a caminhada ao longo das cercas das marmorarias.

Sempre, ou pelo menos desde que dispunha dos recursos necessários para valer-se das vantagens da circulação internacional, considerara as viagens apenas como uma medida higiênica que de vez em quando lhe convinha tomar, contrariando assim as suas inclinações e vontades. Por demais absorvido pelos problemas que lhe impunham o próprio eu e a alma europeia, excessivamente amarrado pelo dever de produzir e ainda demasiado avesso a quaisquer distrações para ser capaz de amar o colorido mundo exterior, dera-se por satisfeito com a opinião que cada um, sem jamais se distanciar muito do seu ambiente habitual, pode formar a respeito da superfície da Terra. Nunca lhe viera a menor tentação de sair da Europa. E sobretudo desde que sua vida começara a entrar num lento declínio; desde que o medo de não conseguir terminar sua obra lhe apossava a alma de artista; desde que o receio da possibilidade de o relógio parar, antes de seu dono, realizando o que lhe cabia, antes de ter dado o melhor de si, cessara de ser mera fantasia, sua vida exterior restringira-se quase exclusivamente à bela cidade que chegara a lhe oferecer um lar e ao sítio rústico que ele construía na serra e no qual costumava passar os verões chuvosos.

Realmente, a razão e a disciplina praticada desde a juventude conseguiram logo refrear e chamar à ordem aquele impulso tardio e repentino. Aschenbach tivera a intenção de adiantar até certo ponto a obra pela qual vivia, antes ainda de se mudar para a casa de campo. A ideia de um passeio pelo mundo, que durante alguns meses o afastasse de seu trabalho, parecia-lhe muito frívola e por demais contrária a seus propósitos. Não era possível levá-la em séria consideração. E, todavia, não ignorava de modo algum o motivo que dera origem a essa tentação inopinada. Tratava-se do ímpeto de fugir — era preciso confessá-lo a si mesmo! —, da saudade de coisas novas, longínquas, da ânsia de liberdade, exoneração, esquecimento. Era o afã de distanciar-se da obra, do lugar cotidiano de um serviço rígido, frio, fanático. É bem verdade que Aschenbach gostava daquele serviço, como também sentia uma espécie de amor por aquela luta enervante, diariamente reiniciada entre a sua vontade tenaz, ativa, tantas e tantas vezes posta à prova, e o cansaço crescente, que

tinha de permanecer despercebido de todos e que nem o menor sinal de malogro ou de fraqueza devia aparecer no produto definitivo. Mas parecia-lhe de bom alvitre não se impor excessiva coerção. Melhor seria não reprimir obstinadamente uma necessidade que se manifestava com tamanha força. Aschenbach lembrava o seu trabalho. Pensou no trecho no qual tivera de abandoná-lo tanto nesse dia como no anterior, e que parecia não querer se acomodar nem ao paciente esforço e tampouco à súbita improvisação. Examinou-o mais uma vez, empenhando-se em vencer ou arredar o obstáculo. Mas, com um arrepio de nojo, desistiu da tentativa. Não havia propriamente nenhuma dificuldade extraordinária: o que o paralisava eram os escrúpulos do fastio, que se manifestavam sob a forma de uma impertinência crítica à qual absolutamente nada era capaz de agradar. Verdade é que desde a sua juventude Aschenbach considerara a pouca satisfação consigo mesmo a essência e íntima natureza do talento. Por causa dela, tinha o hábito de reprimir e temperar o sentimento, sabendo que este tende a se contentar com a aproximação feliz e a perfeição parcial. Vingava-se então nesse instante a sensibilidade escravizada? Abandonava-o? Recusava-se a prosseguir fomentando e alando a sua arte? E privava-o ao mesmo tempo de todo o prazer e entusiasmo que a forma e a expressão habitualmente lhe causavam? Não que ele produzisse obras de má qualidade. Seus anos propiciavam-lhe, pelo menos, a vantagem de sentir a cada instante a tranquila certeza de sua maestria. Mas ele próprio, não obstante a admiração que seu povo lhe tributava, não conseguia regozijar-se com ela. Tinha a impressão de que sua produção carecia daqueles sinais de ardor e gênio brincalhão que resultam da alegria e, mais do que qualquer valor íntimo, por mais grave que seja, provocam, por sua vez, a alegria do mundo apreciador. Temia o verão no sítio rústico, em cuja casinha estaria a sós com a empregada que lhe preparava a comida e o criado que a servia; temia os contornos familiares dos cumes e dos paredões da serra, que voltariam a circundar o seu tédio insaciável. Em face disso, era preciso intercalar algo diferente, um pouquinho de vida levada a esmo, uma pitada de vadiagem, ares de terras distantes, uma injeção de sangue novo, para que o verão chegasse a ser suportável e fecundo. Viajar, portanto! Ele não se opunha à ideia. Mas não muito longe. Nada de tigres! Uma noite no vagão-dormitório e uma sesta de três ou quatro semanas em qualquer um dos lugares onde todos costumavam passar as férias, lá no ameno sul...

Assim meditava, enquanto o ruído do bonde se aproximava pela Ungererstrasse. Ao embarcar, resolveu dedicar a noite ao estudo do

mapa e do guia ferroviário. Na plataforma, lembrou-se de olhar em torno de si, à procura do homem de chapéu de palha, companheiro daquela espera, que, afinal de contas, tivera consequências bastante graves. Não logrou localizá-lo, porém, nem no local onde o avistara, nem nos arredores da parada, nem no próprio carro.

II.

O autor da lúcida e imponente epopeia em prosa sobre a vida de Frederico da Prússia; o paciente artista que com incansável assiduidade teceu o romance *Maja*, cuja abundância de figuras reúne numerosos destinos humanos à sombra de uma ideia; o criador da vigorosa novela intitulada *Um miserável*, a qual indicou a toda uma geração de jovens agradecidos a possibilidade de decisão moral, além dos limites do mais profundo conhecimento; e, finalmente (para terminarmos a lista das suas obras de maturidade), o escritor ao qual se deve o fervoroso tratado sobre *O espírito e a arte*, cujas força classificadora e eloquência anti-tética induziram alguns críticos sérios a igualá-la ao ensaio de Schiller sobre *A poesia ingênua e a poesia sentimental* — Gustav Aschenbach, numa palavra, nasceu em L., centro distrital da província da Silésia, filho de um alto magistrado. Seus antepassados eram militares, juizes, funcionários públicos, homens que levaram uma vida austera, honrada, de poucos recursos, a serviço do rei e do Estado. Uma única vez a espiritualidade mais profunda encarnara-se em sua estirpe, na pessoa de um pastor. Uma dose de sangue mais ágil e mais quente fora injetada na geração anterior da família pela mãe do escritor, filha de um regente de orquestra, natural da Boêmia. Dela derivavam os sinais de uma raça estranha na aparência de Aschenbach. A combinação de uma prosaica consciência profissional e de enigmáticos impulsos fogosos dava origem a um artista e, precisamente, àquele artista inconfundível.

Como toda a sua natureza se norteasse pela fama, Aschenbach mostrou-se desde cedo, posto que não precocemente, maduro e hábil no contato com outras pessoas, graças à determinação e à precisão do seu estilo. Já tinha certo renome quando ainda cursava o colégio. Dez anos

mais tarde, sabia muito bem manter-se em foco a partir da sua escritaninha, administrando a própria glória e aparecendo bondoso ou imponente em qualquer período das suas cartas, que necessariamente eram breves, porquanto são múltiplos os pedidos que importunam personalidades dignas de confiança ou bafejadas pela sorte. O quarentão, por exausto que andasse pelas fadigas e vicissitudes acarretadas por seu trabalho, devia ainda dar conta de uma correspondência diária que trazia selos de todos os países do mundo.

Igualmente distante da banalidade e da excentricidade, o seu talento nascera para conquistar não só a adoração do grande público senão também o interesse admirado, estimulante, dos conhecedores exigentes. Desde a adolescência, tudo e todos o impeliam a realizar a sua obra, essa obra que tinha de ser extraordinária, e, assim, nunca chegara a conhecer a ociosidade ou a leviana despreocupação, peculiares da juventude. Aos trinta anos, aproximadamente, adoeceu em Viena. Foi nessa época que um observador sagaz disse a seu respeito numa reunião de amigos: “Pois é, o Aschenbach sempre viveu assim” — a isso, o orador cerrou em punho os dedos da esquerda — “e nunca assim” — deixou a mão pender confortavelmente pelo braço da poltrona. Tinha razão, e o que havia de mais corajoso e decente na atitude que ele acabava de descrever era o fato de Aschenbach não ser robusto por índole e submeter-se a esse constante esforço não por vocação, senão apenas à custa de suas energias.

A conselho médico, o menino fora dispensado da frequência de uma escola, ficando restrito ao ensino na casa paterna. Criara-se solitário, sem companheiros, e, todavia, percebera muito cedo, pela força das circunstâncias, que pertencia a uma estirpe na qual o talento era menos raro do que aptidão física necessária para desenvolvê-lo. Essa estirpe oferecia cedo o que nela havia de melhor e, em geral, seus membros mais dotados consumiam-se antes do tempo. Pois a palavra favorita de Aschenbach era “perseverar”. No seu romance sobre Frederico não via outra coisa senão a apoteose desse imperativo que se lhe afigurava a quinta-essência da virtude ativa e passiva. Também desejava ardentemente ficar velho, já que sempre tivera a convicção de que nenhuma arte podia ser considerada genuinamente grande, universal e mesmo honesta se não fosse capaz de se mostrar caracteristicamente fecunda em todas as fases da vida humana.

Querendo levar nos ombros delgados as tarefas que lhe impunha o seu talento e, apesar disso, ir muito longe, precisava de disciplina em

alto grau, e felizmente herdara-a por parte do pai. Aos quarenta ou cinquenta anos, como já fizera numa idade em que outras pessoas se desperdiçam, devaneiam e adiam otimistamente a realização de vastos projetos, ele costumava começar o dia de madrugada, derramando jatos de água fria pelo peito e pelas costas. Em seguida, à luz de um par de círios altos colocados em castiçais de prata, imolava à musa, no curso de duas ou três horas matinais de quase religioso fervor, as energias acumuladas durante o sono. Era perdoável — e no fundo significava um autêntico triunfo do seu procedimento consciencioso — que pessoas mal informadas considerassem produto de concentradas forças e longo fôlego o panorama que ele pintara dos maias ou a vasta epopeia em cujas páginas se desenrolava a vida heroica de Frederico, quando, na realidade, tratava-se de obras elaboradas em minúscula progressão cotidiana, edificadas à base de centenas de inspirações avulsas até tornarem-se grandes, e que somente chegavam a ser magníficas, perfeitas em todos os seus pormenores, porque o autor, com paciência e tenacidade comparáveis àquelas que levaram tal rei à conquista de sua província natal, aguentara por anos e anos a tensão originada por um e o mesmo trabalho, dedicando exclusivamente à própria elucubração os momentos mais lúcidos e mais dignos.

Para que uma obra intelectual de algum valor consiga produzir de imediato efeitos amplos e profundos, carece existir uma afinidade secreta, e mesmo uma harmonia íntima, entre o destino individual de seu criador e o destino coletivo de seus contemporâneos. Os homens ignoram a razão por que cingem a obra de arte de glória determinada. Longe de serem peritos, creem descobrir nela um sem-número de qualidades que justifiquem tamanhos elogios. Mas o verdadeiro motivo de seus aplausos é algo incomensurável, é a simpatia. Certa feita, num trecho pouco conspícuo, Aschenbach afirmara com toda clareza que quase tudo quanto existia em matéria de grandeza nascera, apesar dos pesares, não obstante as mágoas, os tormentos, a pobreza, a solidão, a debilidade física, os vícios, as paixões e mil outros obstáculos. Ora, essa frase era mais do que um simples aforismo. Nela se resumia uma experiência pessoal. Ela oferecia, nada mais nada menos, a fórmula da vida e da glória de Aschenbach, a chave de sua obra. Não é, portanto, de admirar que nos seus personagens mais característicos nos deparemos com a mesma conduta moral e a mesma atitude.

Quanto ao novo tipo de herói, tão ao gosto desse escritor que se repetia sob os mais diferentes disfarces individuais, havia muito que

um analista perspicaz verificara que nele se encarnava a concepção de “uma juvenil virilidade intelectual, que, numa mescla de pudor e altivez, cerra a boca e mantém-se imóvel enquanto flechas e dardos lhe trespassam o corpo”. Belas e espirituosas palavras, e que não deixavam de ser exatas, se bem que acentuassem aparentemente em demasia a passividade manifestada em tal comportamento. Pois, a disciplina conservada em face do destino, a graça jamais abalada pelo sofrimento não é apenas passiva; nelas se patenteia um ato positivo, um triunfo genuíno, e a figura de Sebastião é o símbolo mais formoso, se não de toda a arte, ao menos da arte a que nos referimos. Quem olhasse de perto o mundo assim delineado perceberia o elegante domínio de si que escondia dos olhos dos espectadores até o último momento a decadência biológica, o fato de estar intimamente solapado; também notaria a fealdade amarelenta, prejudicada na sua vida sensual, e que todavia era capaz de atçar as brasas do cio, a ponto de formarem labaredas puras e se apoderarem do próprio reino da beleza; não lhe escaparia nem a pálida impotência que tirava dos férvidos abismos do espírito a força necessária para prostrar, ao pé da sua cruz, a seus próprios pés, todo um povo arrogante, nem a posição condescendente, assumida ante o serviço vazio, austero, da forma, e tampouco a existência falsa, perigosa, os exaustivos desejos e artifícios do impostor nato. Quem examinasse todos esses destinos, e ainda muitos outros do mesmo quilate, facilmente chegaria a duvidar de que pudesse haver heroísmo que não fosse o da fraqueza. Mas que heróis condiriam melhor com a nossa época do que, precisamente, os débeis? Gustav Aschenbach era o bardo de todos aqueles que labutam à beira do colapso, dos sobrecarregados, dos triturados, dos que se mantêm de pé à custa de um esforço supremo, dos moralistas da proeza, que, não obstante o físico franzino e a escassez de recursos, conseguem, pelo menos temporariamente, criar a impressão de grandeza graças à força mística da vontade e à aplicação hábil dos meios. Deles há muitos. São os heróis da nossa era. E todos se reencontravam na obra de Aschenbach. Achavam-se justificados, enobrecidos, glorificados nessas páginas, e por isso demonstravam a sua gratidão, elogiando o autor.

Este tivera a sua fase bronca e rude e, mal-aconselhado pelo espírito da época, tropeçara em público, cometera erros, comprometera-se, nos seus discursos e escritos manifestara falta de tato e ponderação. No entanto, alcançara aquela dignidade rumo à qual, segundo afirmava, todos os talentos verdadeiros se sentem naturalmente impelidos, como

por um agulhão. Pode-se até dizer que toda a sua carreira fora um progresso consciente e obstinado em direção à dignidade, e que deixava para trás quaisquer inibições baseadas no ceticismo e na ironia.

O que apraz à massa burguesa é a plasticidade viva, incompleta, da obra. A juventude apaixonada, absoluta, por sua vez, somente adora o que é problemático, e Aschenbach tivera sua fase problemática, absoluta, como qualquer jovem. Fizera-se escravo do intelecto; abusara do conhecimento; moera o trigo destinado a servir de semente; revelara segredos; denegrira o talento; traíra a arte. Sim, enquanto os frutos da sua imaginação divertiam, edificavam, animavam aqueles que os saboreavam, depositando confiança no autor adolescente, este fascinava os rapazes de vinte anos com seus cinismos acerca do caráter equívoco da arte e da própria função do artista.

Parece, porém, que os espíritos nobres, valorosos, imunizam-se rápida e definitivamente contra o picante e amargo estimulante que é o conhecimento; e certo é que a meticulosidade do jovem, por mais abnegada e severa que seja, não passa de superficialidade quando comparada com a sólida decisão do mestre amadurecido, decisão que o faz negar o conhecimento, rejeitando-o, distanciando-se dele altivamente cada vez que haja perigo de que sua vontade, seu poder de ação, seu sentimento e mesmo a sua paixão possam ser de algum modo tolhidos, desanimados, humilhados por ele. Que outra interpretação poderíamos dar à famosa novela *Um miserável*, a não ser a de uma explosão de asco em face do indecente psicologismo à moda da época, encarnado na pessoa de um semipatife indolente, tolo, o qual indevidamente adquire personalidade ao atirar, por impotência, vício ou veleidade ética, sua esposa aos braços de um moço imberbe, e acredita que sua índole profunda lhe permite cometer ações abjetas? O vigor das palavras com que nessa obra se repelia o ato repulsivo evidenciava o abandono de quaisquer ceticismos morais, a rejeição da menor simpatia pelos abismos, a renúncia àquela mentalidade negligente que se manifesta no compassivo axioma de que “compreender tudo significa perdoar tudo”. O que ali se preparava, e talvez já se consumasse, era esse “milagre da ingenuidade renascida”, à qual se referia pouco depois, expressamente e com certa ênfase misteriosa, um dos diálogos do autor. Estranha coincidência! Não se podia atribuir às consequências espirituais de tal “renascimento”, dessa nova dignidade e disciplina, o fato de ao mesmo tempo manifestar-se uma intensificação quase excessiva do senso estético de Aschenbach? A partir de então, percebiam-se na sua produção

aquela pureza distinta, a singeleza e a harmonia da forma que imprimiam nela o cunho conspícuo e proposital de maestria e classicismo. Mas, a resolução ética, muito além dos limites do saber, do conhecimento analisador, inibitivo — não representa ela, por sua vez, uma simplificação, um empenho em tornar o mundo e a alma moralmente cândidos e em reforçar, precisamente por isso, o impulso que os leva ao mal, ao proibido, ao que é incompatível com a moral? E a forma não tem duas faces? Não é moral tanto como imoral — moral, como resultado e expressão da disciplina, porém imoral e mesmo antimoral, uma vez que implica por índole certa indiferença pela moral e procura, antes de mais nada, submeter a moral ao seu cetro soberbo e absoluto?

Seja como for, uma revolução é um destino, e aquela que decorrer bafejada pelo interesse e pela confiança coletiva de um vasto público obviamente tomará rumos diversos daquelas que se realizarem sem o esplendor e as obrigações acarretadas pela glória. Apenas os eternos boêmios se aborrecerão e zombarão cada vez que um grande talento, abandonando o libertino estado de crisálida, se habituar a conservar imponentemente a dignidade do intelecto e a assumir a etiqueta de um isolamento inicialmente desamparado, cheio de duros sofrimentos e solitários combates, e que todavia o conduziu ao poder e a uma posição de destaque entre os homens. Ora, quanto jogo, quanta obstinação, quanto prazer não se escondem na formação individual de um talento! Com o tempo, as apresentações de Gustav Aschenbach assumiam um quê de pedagógico, de oficial. Nos anos maduros, o seu estilo prescindia do arrojo espontâneo e dos matizes sutis, inéditos, e tendia para uma constância modelar, o tradicionalismo polido, o conservadorismo, a bela forma, e mesmo aí padronização. Assim como nos contam de Luís XIV, o escritor envelhecido acostumou-se a banir da sua linguagem quaisquer termos vulgares. Foi a essa época que o Ministério da Educação mandou incluir páginas seletas de suas obras nos livros de leitura adotados nas escolas. Isso condizia com as ambições do autor, e quando um príncipe alemão que acabava de subir ao trono conferia ao criador do *Frederico*, no seu quinquagésimo aniversário, os foros de nobreza, ele não os rejeitou.

Após alguns anos de intranquilidade e vários domicílios experimentais em diversas localidades, escolheu muito cedo Munique para sua residência permanente. Ali vivia num decente bem-estar, tal como o intelecto só raras vezes consegue. O matrimônio que contraíra ainda jovem com a filha de uma família erudita foi desfeito pela morte, depois

de um breve lapso de felicidade. Restava-lhe uma filha já casada. Nunca teve um filho homem.

Gustav von Aschenbach era de estatura um pouco abaixo da média. Tinha a tez morena e o rosto escanhado. Sua cabeça, um tanto grande em relação ao corpo quase franzino. A cabeleira penteada para trás, rala no topo, porém espessa e bem grisalha na parte lateral, emoldurava a testa alta, rugosa, como que sulcada por cicatrizes. A ponte dos óculos de ouro, com lentes sem aros, penetrava fundo na raiz do nariz curto, aristocraticamente adunco. A boca era grande, ora frouxa, ora, de súbito, estreita e crispada; a região das faces, magra e encarquilhada; o queixo, pronunciado e levemente partido. Tinha-se a impressão de que vicissitudes impressionantes deviam ter passado por essa cabeça que geralmente se inclinava para o lado, numa atitude de sofrimento, e todavia fora a arte que ali se encarregara daquela modelagem fisionômica que em outros casos é realizada por um destino áspero, acidentado. Atrás daquela testa haviam se originado as brilhantes réplicas do diálogo que Voltaire e o rei mantinham sobre a guerra. Esses olhos, a mirarem fatigados e insondáveis através das lentes, tinham enxergado o ensanguentado inferno dos hospitais da Guerra de Sete Anos. Também do ponto de vista pessoal, a arte é uma vida mais intensa. Causa profunda felicidade, porém consome rapidamente. Grava na fisionomia de seu servidor os sinais de aventuras imaginárias e espirituais, e, não obstante a calma monacal da existência exterior, produz no decorrer do tempo um quê de fastio, ultrarrefinamento, cansaço, curiosidade dos nervos, tais como uma vida cheia de orgiásticos prazeres e paixões dificilmente seria capaz de provocar.